

MERCADO DE TRABALHO

PNAD COVID-19 – Divulgação de 16/10/2020 – Principais destaques

Sumário

- De acordo com a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) Covid-19, a *taxa de desocupação* foi de 14,4% na semana de 20 a 26 de setembro, atingindo 14% na média do mês de setembro e continuando o processo de elevação em relação aos meses anteriores (10,7% em maio, 12,4% em junho, 13,1% em julho e 13,6% em agosto).
- A elevação da taxa de desocupação em setembro deveu-se ao aumento da *taxa de participação na força de trabalho*, que passou de 55,8% na média de agosto para 56,5% em setembro. O aumento do número de pessoas procurando trabalho mais do que compensou a variação também positiva do número de ocupados, que passou de 82,2 milhões em agosto para 82,9 milhões em setembro. O *nível da ocupação* (razão entre pessoas ocupadas e população em idade ativa) também apresentou alta entre agosto (48,2%) e setembro (48,6%).
- Apesar do aumento da taxa de participação na força de trabalho, o contingente de pessoas não ocupadas que gostariam de trabalhar, mas não procuraram trabalho permanece elevado: 25,6 milhões na semana de referência e 26,1 milhões na média de setembro. Esse número vem caindo (foi de 28,3 milhões em julho e 27,2 milhões em agosto), mas muito lentamente. Chama atenção, no total dessas pessoas, o ainda elevado percentual de pessoas que não procuraram trabalho possivelmente por conta da pandemia (61,3% na média de setembro), indicando que, apesar de estarem arrefecendo gradualmente, os efeitos diretos da pandemia no mercado de trabalho ainda são relevantes.
- Na medida em que a evolução da pandemia permita a continuidade dos processos de flexibilização das restrições às atividades socioeconômicas e de recuperação do nível de atividade, e tendo em vista também a redução do valor do auxílio emergencial nos próximos meses, espera-se que o *nível de participação na força de trabalho aumente até o final do ano*. O *nível de ocupação também deverá aumentar*, mas é razoável esperar que, conforme ocorrido até agora, não em um ritmo forte o suficiente para impedir que a *taxa de desocupação continue a elevar-se*.

Maria Andreia Parente Lameiras

Técnico de Planejamento e Pesquisa da Diretoria de Estudos e Políticas Macroeconômicas (Dimac) do Ipea.

maria-andreia.lameira@ipea.gov.br

Marco Antônio F. de H. Cavalcanti

Diretor Adjunto da Dimac do Ipea

marco.cavalcanti@ipea.gov.br

Lauro Ramos

Técnico de planejamento e pesquisa na Disc/Ipea.

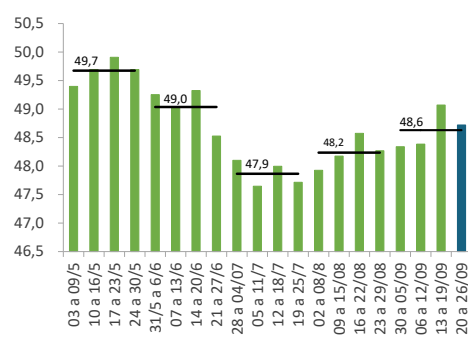
lauro.ramos@ipea.gov.br

Divulgado em 16 de outubro de 2020.

De acordo com a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) Covid-19, divulgada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), referente à semana de 20 a 26 de setembro – 20ª semana da pesquisa –, a trajetória de recuperação do mercado de trabalho permaneceu basicamente inalterada em relação às semanas anteriores. Os efeitos diretos da pandemia sobre o mercado de trabalho continuam a arrefecer – conforme sinalizado pela tendência de diminuição do número de pessoas afastadas do trabalho devido ao distanciamento social e pela redução do contingente de pessoas fora da força de trabalho que gostariam de trabalhar, mas não procuraram emprego por conta da pandemia –, mas de forma muito gradual. O nível de ocupação vem recuperando-se lentamente, mas ainda é muito baixo. Por sua vez, o aumento da participação na força de trabalho vem pressionando a taxa de desocupação, que continua em tendência de elevação. Assim, ainda que a evolução da Covid-19 permita a continuidade do processo de retorno paulatino a certo grau de “normalidade” no funcionamento das atividades econômicas no Brasil, os efeitos adversos da crise no mercado de trabalho tendem a persistir durante algum tempo.

O número de pessoas ocupadas alcançou 82,2 milhões na semana de referência e 82,9 milhões na média de setembro, apresentando alta em relação a agosto (82,2 milhões). O nível da ocupação (razão entre o número de pessoas ocupadas e a população com 14 anos ou mais de idade) também aumentou no período, de 48,2% para 48,6%. Ressalvadas as diferenças metodológicas entre as pesquisas, a título de ilustração, cabe notar que essa taxa em setembro de 2019, medida pela PNAD Contínua, foi de 54,8% – indicando que o nível de ocupação ainda se encontra em patamar historicamente muito baixo. O gráfico 1 apresenta a evolução do nível de ocupação ao longo das vinte semanas da pesquisa.

GRÁFICO 1
Nível da ocupação - valores semanais e média mensal
(Em %)



Fonte: PNAD Covid-19/IBGE.
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Diretoria de Estudos e Políticas Macroeconômicas (Dimac) do Ipea.

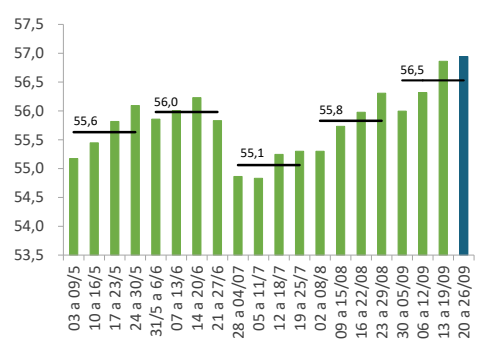
A expansão do número de ocupados reflete a recuperação dos indicadores de atividade econômica, mas não vem sendo suficiente para acolher os novos entrantes na força de trabalho. De fato, diante do aumento da taxa de participação na força de trabalho (gráfico 2), a taxa de desocupação vem aumentando (gráfico 3). Ambas

essas taxas apresentaram, na média de setembro, os maiores valores desde o início da pesquisa. Cabe notar que, apesar da elevação recente, a taxa de participação continua muito baixa. Novamente a título de ilustração, ressalta-se que essa taxa em setembro de 2019, medida pela PNAD Contínua, foi de 62,1%.

Um ponto interessante a ser destacado é que, na comparação dos gráficos 2 e 3, notam-se momentos distintos nos movimentos indutores da alta continuada da taxa de desocupação. No auge do confinamento, essa taxa aumentou mesmo com queda na taxa de participação, revelando o forte choque negativo na ocupação. Após o início da retomada da atividade econômica e do nível de ocupação, ela continuou crescendo em ritmo forte por conta do regresso dos confinados ao mercado de trabalho.

GRÁFICO 2

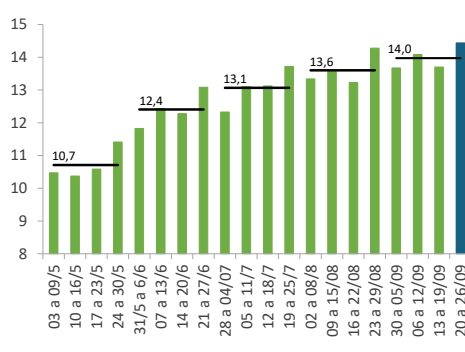
Taxa de participação na força de trabalho - valores semanais e média mensal (Em %)



Fonte: PNAD Covid-19/IBGE.
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea

GRÁFICO 3

Taxa de desocupação - valores semanais e média mensal (Em %)



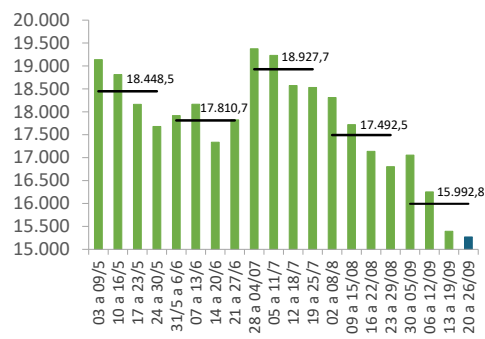
Fonte: PNAD Covid-19/IBGE.
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea

Os principais fatores explicativos do baixo nível de participação na força de trabalho são, provavelmente, o efeito desalento associado à crise econômica e o efeito renda positivo associado ao Auxílio Emergencial. Diante da expectativa de continuidade do processo de recuperação econômica e da redução do valor do Auxílio Emergencial nos próximos meses, é razoável esperar que a taxa de participação no mercado de trabalho continue em elevação, o que deverá manter a taxa de desocupação pressionada.

O aumento da força de trabalho é compatível com a diminuição do número de pessoas não ocupadas que gostariam de trabalhar, mas não procuraram trabalho: 25,6 milhões na semana de referência e 26,1 milhões na média de setembro, contra 28,3 milhões em julho e 27,2 milhões em agosto. Essa queda vem ocorrendo,

porém, de forma muito lenta, indicando que os efeitos diretos da pandemia no mercado de trabalho permanecem relevantes. De fato, no total dessas pessoas, chama atenção o número de pessoas que não procuraram trabalho por conta da pandemia ou por falta de trabalho na localidade, mas gostariam de trabalhar. Conforme mostra o gráfico 4, esse número foi de 18,9 milhões de pessoas na média de julho, 17,5 milhões em agosto e 16 milhões em setembro – continuando a representar elevado percentual do total de pessoas não ocupadas que gostariam de trabalhar, mas não procuraram trabalho (61,3%).

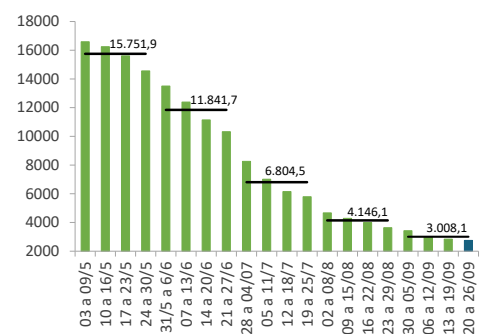
GRÁFICO 4
Não ocupados que não procuraram trabalho por conta da pandemia ou por falta de trabalho na localidade, mas que gostariam de trabalhar - valores semanais e média mensal
 (Em 1 mil pessoas)



Fonte: PNAD Covid-19/IBGE.
 Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea

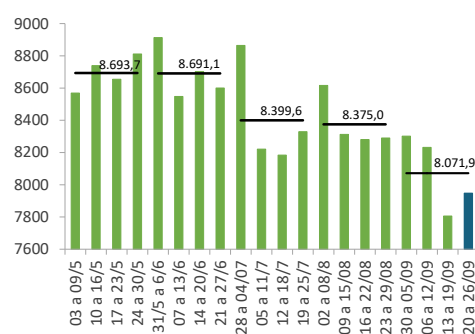
Apesar de ainda relevantes, os efeitos diretos da pandemia no mercado de trabalho vêm diminuindo lentamente. A queda do número de pessoas ocupadas e afastadas de suas ocupações devido ao distanciamento social reflete esse movimento, tendo atingido 2,7 milhões na última semana de setembro, contra 3,6 milhões no final de agosto. O número de ocupados trabalhando de forma remota também apresentou leve queda em setembro: 7,9 milhões de pessoas na última semana e 8,1 milhões na média do mês, contra 8,4 milhões em julho e agosto.

GRÁFICO 5
Pessoas ocupadas e afastadas do trabalho devido ao distanciamento social - valores semanais e média mensal
 (Em 1 mil pessoas)



Fonte: PNAD Covid-19/IBGE.
 Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea

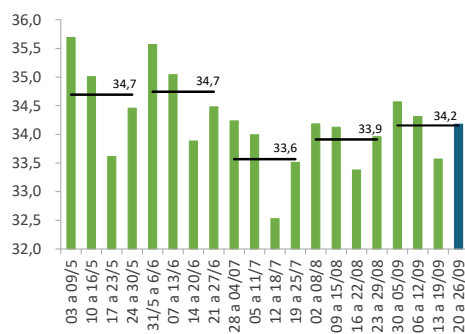
GRÁFICO 6
Pessoas ocupadas e não afastadas do trabalho, que trabalhavam de forma remota - valores semanais e média mensal
 (Em 1 mil pessoas)



Fonte: PNAD Covid-19/IBGE.
 Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea

Finalmente, cabe destacar que a taxa de informalidade tem apresentado leve tendência de alta desde julho, quando foi de 33,6%, tendo atingido 33,9% em agosto e 34,2% em setembro. Isso indica que a retomada do nível de ocupação tem sido mais forte para os empregos informais.

GRÁFICO 7
Proxy da taxa de informalidade - valores semanais e média mensal
 (Em %)



Fonte: PNAD Covid-19/IBGE.
 Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea



Diretoria de Estudos e Políticas Macroeconômicas (Dimac):

José Ronaldo de Castro Souza Júnior (Diretor)
Marco Antônio Freitas de Hollanda Cavalcanti (Diretor Adjunto)



Corpo Editorial da Carta de Conjuntura:

José Ronaldo de Castro Souza Júnior (Editor)
Marco Antônio Freitas de Hollanda Cavalcanti (Editor)
Estêvão Kopschitz Xavier Bastos
Fábio Servo
Francisco Eduardo de Luna e Almeida Santos
Leonardo Mello de Carvalho
Marcelo Nonnenberg
Maria Andréia Parente Lameiras
Mônica Mora Y Araujo de Couto e Silva Pessoa
Paulo Mansur Levy
Sandro Sacchet de Carvalho

Equipe de Assistentes:

Ana Cecília Kreter
Augusto Lopes dos Santos Borges
Caio Rodrigues Gomes Leite
Felipe dos Santos Martins
Felipe Moraes Cornelio
Felipe Simplicio Ferreira
Leonardo Simão Lago Alvite
Marcelo Lima de Moraes
Mateus de Azevedo Araujo
Pedro Mendes Garcia
Tarsylla da Silva de Godoy Oliveira

As opiniões emitidas nesta publicação são de exclusiva e inteira responsabilidade dos autores, não exprimindo, necessariamente, o ponto de vista do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada ou do Ministério da Economia.

É permitida a reprodução deste texto e dos dados nele contidos, desde que citada a fonte. Reproduções para fins comerciais são proibidas.